

# PSICANÁLISE, CULTURA E CONFLITO

Pedro Paulo V. A. Azevedo

Qual teria sido o impacto da obra de Freud na cultura do século XX? Formulando a mesma questão de outro modo: que abalo causou a psicanálise, em termos mais gerais, em nossa sociedade? Não teria desferido o pai da psicanálise o terceiro e decisivo golpe ao narcisismo humano universal?

Depois de Nicolau Copérnico demolir a crença de ser a Terra o centro do universo (*golpe cosmológico*) e Charles Darwin por fim a nossa presunção de possuímos uma natureza suprema de ascendência divina ao nos recolocar, cientificamente, em meio ao reino animal (*golpe biológico*); Sigmund Freud irá demonstrar que o homem não é senhor nem de sua própria morada, não sendo, portanto, a consciência humana o centro soberano de nossas decisões, submetidos que estamos às forças obscuras de nosso próprio inconsciente (*golpe psicológico*). Talvez, esse último, o mais humilhante ou doloroso.

Questionamentos que irão inquietar Freud durante todo seu trajeto intelectual no uso de sua principal ferramenta, a psicanálise: quanto ao sentido da filosofia; quem são verdadeiramente os filósofos; de sua crítica epistemológica quanto a ter uma “visão de mundo, ou no seu idioma natal, uma *“Weltanschauung”*, do seu diagnóstico das pulsões sobre a atividade filosofante; sobre a necessidade do ser humano de recorrer a sistemas filosóficos particulares e religiosos; sua crítica ao consciencialismo, pois se para Descartes no seu *“Discurso sobre o Método”* há o *“Cogitum ergum sum”*, ou seja, o famoso *“penso, logo existo”*, para Freud, traduzido pela pena de Lacan, temos o *“penso onde não existo”* e o *“existo onde não penso”*.

A clínica do sofrimento com que nos deparamos nos dias de hoje, figura como um espelhamento quase natural da qualidade precária da vida do sujeito, que, assujeitado, passa a viver uma vida esvaziada de sentido. E essa ausência de sentido ou *clínica do vazio*, não deixa de guardar uma estreita relação com a teoria pulsional de Freud a respeito da sociedade, que desnuda a dimensão do **conflito** no âmago da cultura.

Um grande número de pessoas que buscam cuidados médicos, não possui problemas de natureza médica e sim transtornos com repercussão nessa área. Observação que vem ao encontro das estatísticas da OMS (Organização Mundial de Saúde). Num trabalho, de minha lavra, intitulado **O Bem estar na Cultura**<sup>1</sup>, aponteí essa realidade na clínica e defendia o exercício do que utopicamente chamava: **“por um projeto de felicidade sustentável”**. Trata-se, aparentemente, de um encadeamento lógico: *“se o sujeito sente no corpo o drama da alma e se sente na alma o drama da cultura,*

---

<sup>1</sup> Onde faço um exercício dialético com a obra de Freud “O Mal Estar na Cultura”.

é estratégico envidar esforços para tratar (no sentido de dar um trato) essa cultura!".

Tarefa essa possível quando a psicanálise nos fala da origem violenta da própria cultura? Onde os desejos encobertos do indivíduo entram em choque com os interesses da civilização? Onde a despeito da religião, da arte, da ciência, como expressões civilizatórias, a capacidade destrutiva do homem alcança níveis inimagináveis?

A transposição dos estudos psicanalíticos da psique individual como uma tarefa para o entendimento da dinâmica e dos conflitos da sociedade e da cultura, e a consequente aplicação da psicanálise sobre diversos campos culturais, acaba desvelando **o conflito como o principal motor da civilização**. O *Mito de Édipo* transcrito pelo viés psicanalítico, torna-se o paradigma universal para se refletir sobre as camadas fundamentais da vida social: *eureka* (o "encontrei" de Arquimedes) para alguns, *infâmia* para outros.

O psicanalista de Viena no tratamento de seus pacientes percebe e esforça-se em elucidar os desejos encobertos em conflito, sejam entre si ou desses com a realidade. Irá então empregar suas idéias sobre a psique individual humana para entender o curso dinâmico e conflitante entre o sujeito, a sociedade e a cultura. A disseminação dessas idéias através dos tempos e a aplicação das mesmas a uma infinidade de campos culturais, darão a Sigmund Freud um lugar privilegiado como **Pensador da Cultura**.

Diria no final de seu ensaio *Mal estar na cultura* de 1929, que não seria absurdo ou infrutífero transportar a psicanálise do cenário individual para a comunidade cultural, vaticinando que no futuro "alguém se aventure a se empenhar na elaboração de uma patologia das comunidades culturais".

Lembra que **Eros** (O amor) e **Ananke ou Necessitas** (A necessidade) *juntas* carregam a civilização, e, alerta-nos ao mesmo tempo, que **Tanatos** (A Morte), nunca facilita tal empreendimento!

Nesse amplo e rico contexto repousa nossa questão: **qual o papel da psicanálise como ferramenta de entendimento na cultura?**

*"A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição. Talvez, precisamente com relação a isso, a época atual mereça um interesse especial. Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em exterminarem-se uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade. Agora só nos resta esperar que o outro dos dois 'Poderes Celestes', o eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário. Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?"*

Sigmund Freud